

Reflexão e atualização
da educação popular em
Fé e Alegria



Apresentação

“Conhecemos o poder transformador da educação: educar é apostar e dar esperança ao presente que rompe os determinismos e fatalismos com que o egoísmo dos fortes, o conformismo dos fracos e a ideologia dos utópicos querem se impor tantas vezes quanto as única maneira possível. Educar é sempre um ato de esperança que convida à coparticipação e à transformação da lógica estéril e paralisante da indiferença em outra lógica diferente, capaz de acolher a nossa pertença comum”

Papa Francisco
Pacto Global para a Educação,
15 de outubro de 2020

Palavras muito oportunas para apresentar o Documento de Reflexão e Atualização da Educação Popular, no qual nos comprometemos a continuar transformando vidas e comunidades para um Outro Mundo Possível.

Não são poucos os espaços que se questionam sobre a validade e a relevância da Educação Popular na atualidade. Já que Fe y Alegría se define como Movimento de Educação Popular Integral e Promoção Social, esta questão está vinculada à nossa identidade e missão.

Fe y Alegría é uma organização dinâmica, contrária à estagnação, o que lhe permitiu adaptar-se às realidades e contextos, responder às mudanças da sociedade e desafiar-se constantemente para ser uma resposta eficaz que nos permita caminhar para uma sociedade transformada pela educação.

Este dinamismo é gerado pelo compromisso das pessoas que fazem parte da Fe y Alegría na reflexão e atualização permanente de sua proposta de Educação Popular.

O desafio é que cada Fe y Alegría local, nacional e internacional empreenda o exercício de aprofundar e repensar suas práticas à luz das demandas do meio ambiente e que possamos especificá-las nas respostas da Educação Popular.

A chave para essa reflexão é continuar fazendo a partir do compromisso

- epistemológico, desde o lugar e condições onde Fe y Alegría acontece e significa o mundo, desde o lugar dos pobres. É a partir do cotidiano e das aspirações dos excluídos, marginalizados e marginalizados que nos responsabilizamos por este projeto educativo.
- ético para cuidar dos grandes problemas da humanidade e responder às suas expressões concretas nas comunidades. Sustentando a Vida no planeta, superando a pobreza que tem rosto de menina, menino, jovem, mulher, migrante e todos os rostos de exclusão.
- método pedagógico de passagem pelo crivo das metodologias educacionais da educação popular e da adaptação de todo tipo de ferramentas humanísticas e tecnológicas que garantam a qualidade da educação
- política de transformação da sociedade em outras mais justas, inclusivas, com igualdade e equidade em todos os níveis, garantindo que essas transformações sejam garantidas por acordos de toda a sociedade expressos em políticas públicas.

A Educação Popular não vai se atualizar. Isso só será possível se nos atualizarmos como Educadores Populares do Século XXI.

Agradeço a todas as pessoas que participaram neste trabalho, especialmente à comissão composta por Gehiomara Cedeño, Beatriz Borjas, Vicente Palop e Antonio Pérez-Esclarín que incentivaram a elaboração deste documento, ordenando os insumos que nos provocassem nesta reflexão e atualização de Educação Popular cuja validade e relevância dependem mais uma vez de nós.

Carlos Fritzen SJ

Coordenador Geral

Federação Internacional Fe y Alegría

Introdução

Com este documento fechamos um trecho do percurso que empreendemos em fevereiro de 2019 quando a Junta Diretiva da Federação nos encarregou de desenhar uma proposta que nos permitisse especificar o propósito da Iniciativa federativa “Reflexão e atualização da Educação Popular em Fe y Alegria” no marco do Plano de Prioridades Federais (PPF) 2017-2020.

No início, decidimos ouvir pessoas de fora de Fe y Alegría fortemente ligadas ao mundo educacional. Durante três meses, procuramos conceituar a Educação Popular em novos contextos sociais, políticos, econômicos e educacionais por meio de trocas virtuais muito enriquecedoras. Com eles entramos no que se entende hoje por inovação educacional (Pepe Menéndez), os desafios atuais da formação profissional técnica (Fernando Marhuenda), as contribuições das escolas Miliana (Manu Andueza), a educação popular de a cidadania planetária (Carlos Alberto Torres), o desafio ecológico (Pedro Walpole e Luis Yanza); mas também abordamos as abordagens atuais dos educadores populares e educadores da América Latina (Andrea Faría, Lola Cendales, Santiago Gómez, Rosa María Goldar, Verónica del Cid, Rosa Zúñiga). Nesse processo, o maior desafio foi vincular o acúmulo histórico da Educação Popular na América Latina com a realidade educacional da África, aproveitando as contribuições de nosso colega Alfredo Kiteso, diretor da Fe y Alegría na República Democrática do Congo.

Num segundo momento, o resultado desta viagem foi apresentado em San Salvador, em outubro de 2019, na reunião de dirigentes e dirigentes nacionais, com a presença da equipa de dirigentes das iniciativas federativas. Ali tivemos a oportunidade de debater com os participantes três eixos temáticos: o contexto, a pedagogia e a ação pública à luz dos princípios da Educação Popular. Da mesma forma, este encontro nos permitiu integrar em nossas reflexões as visões dos órgãos federativos dos eixos que atualmente compõem a equipe técnica da Federação.

Em seguida, tentamos integrar a perspectiva regional no documento base por meio de diálogos virtuais com gestores e lideranças nacionais do Pólo de Educação Popular da América Central, cone sul, região andina, África e equipe Entreculturas da Espanha.

O documento que apresentamos a você está dividido em quatro capítulos. No primeiro capítulo sistematizamos o que está em vigor hoje da acumulação histórica da Educação Popular tanto em sua trajetória na América Latina como no interior de Fe y Alegría, pensando, sobretudo, nas novas gerações que estão fazendo parte do movimento. Num segundo capítulo fazemos uma leitura do contexto atual que nos desafia constantemente. Já no terceiro capítulo abordamos a questão: Como a educação popular se especifica na proposta educacional de Fe y Alegría? Questão que fica em aberto para que continuemos a alimentá-la em futuras reflexões de diferentes áreas e diversos atores. Por fim, a presença de Fe y Alegría em diversos âmbitos (local, nacional e internacional), com o propósito de que sua ação educativa incida além dos muros dos centros educativos, nos levou a elaborar o quarto capítulo, “Do ambiente comunitário ao espaço público”.



A opção pelos interesses dos setores mais vulneráveis convida-nos a uma revisão permanente e profunda dos nossos pressupostos e esquemas mentais para podermos interpretar o mundo tal como ele é, nas suas dimensões macro e micro, objetivas e subjetivas. Portanto, agora os convidamos a continuar com este caminho reflexivo que iniciamos há um ano. Como educadoras e educadores populares, é hora de repensar e analisar nossas práticas educacionais à luz das ideias coletadas neste documento. Não esqueçamos que a pedagogia da Educação Popular é uma pedagogia do diálogo e não do discurso monolítico; da pergunta e não das respostas pré-estabelecidas. É uma pedagogia do grupo e da solidariedade, comparada com aquelas que reproduzem o individualismo e a competição. É uma pedagogia da liberdade diante daqueles que reforçam a alienação; da democracia e não do autoritarismo; de esperança, em comparação com aqueles que afirmam o fatalismo histórico. É uma pedagogia que aceita dialogar com os saberes oriundos das várias ciências sociais e os diversos pensamentos que promovem a libertação, como a teologia da libertação,

o feminismo, a ecologia, e o pensamento dos - indígenas, negros e popular. É uma pedagogia do prazer, contra a qual separam o desejo da razão. É uma pedagogia da sensibilidade, do amor e da ternura, comparada com aquelas que ensinam a agressividade e a lei do mais forte, como forma de integração num capitalismo selvagem e em paradigmas de dominação e discriminação. É uma pedagogia que incorpora sentimentos, intuições, experiências, envolvendo todo o corpo no processo de conhecimento. Por isso, como parte do processo de aprendizagem, apela à arte, ao brincar, ao psicodrama e ao contato direto com as experiências práticas produzidas na vida social.

E a partir destas várias dimensões da pedagogia da Educação Popular devemos discernir quais são os componentes básicos que nos permitirão permanecer num horizonte de transformação social, um horizonte dotado de uma ética da mudança que inclui a grande maioria com quem trabalhamos e evitar, portanto, que esse horizonte permaneça apenas para algumas minorias esclarecidas e privilegiadas.

Validade hoje da Educação Popular

Falar em Educação Popular tem grande ressonância no seio da América Latina e envolve a conexão com uma série de movimentos educacionais com claras intenções emancipatórias e de transformação social. Diante das tendências que querem fazer da educação um meio de inserção no mundo globalizado atual, o que implica aceitar as terríveis desigualdades e a desumanidade e injustiça em que vivemos, a Educação Popular está empenhada em recuperar e promover o potencial transformador de cada pessoa como sujeito de sua história e história. Uma educação que prepare pessoas, comunidades e nações, não mais para acomodar mudanças, mas para orientá-las em prol de um projeto de construção de outro mundo possível em que a defesa e o cumprimento dos direitos humanos e dos direitos da natureza, inclusão, respeito pela diversidade e paz. Uma educação orientada não apenas a formar os profissionais que o mercado exige, que é o que geralmente buscam as reformas educacionais e as propostas de educação de qualidade, mas a pessoa humana de que uma sociedade livre e profundamente democrática precisa. Munidos de uma ciência profundamente humanística, de uma consciência social e espiritual e da formação necessária para transformar criativamente o seu ambiente e contribuir para a transformação social onde todos possam exercer os seus direitos de cidadania e viver com dignidade.

1. Breve história da Educação Popular

1.1 De Simón Rodríguez e José Carlos Mariátegui

Para falar de Educação Popular é preciso voltar ao século XIX e resgatar a figura e o pensamento de Simón Rodríguez, o Mestre do Libertador, um dos personagens mais emocionantes da história da América, um homem incompreendido em sua época e ainda hoje desconhecido.

Numa época em que a educação era um privilégio a que só tinham acesso os meninos, brancos e privilegiados, Simón Rodríguez se atreveu a propor uma educação popular, ou seja, aberta a todos os cidadãos. Como ele bem sabia do escândalo que a educação deveria acarretar para o povo, especialmente para os marginalizados e desprezados, -os índios, os cholos, os negros, os que atiraram a inclusa-, em nota da edição de Lima de 1842 de sua obra “American Societies”, ele ironizou assim: “Deve-se destacar que a Educação nunca esteve em má companhia até o ano 28, quando apareceu nas ruas de Arequipa como Popular”¹.

(1) Rodríguez, S. “American Societies in 1828”, Arequipa, Peru, in Complete Works, (Two Volumes). Universidade Nacional Experimental Simón Rodríguez, Caracas, Venezuela, 1979

À frente de seu tempo, Rodríguez via claramente que, para haver novas repúblicas e sociedades prósperas, era necessário empreender com urgência um projeto educacional que convertesse sujeitos submissos em cidadãos livres e independentes “capazes de se governar”, e não ser explorado ou enganado. A independência militar de pouco serviria se a independência econômica e cultural não fosse assumida com urgência, através de uma educação que ensinasse “viver na República”, que promovesse as “virtudes sociais” e combaterá o individualismo egoísta.

Essa educação tinha que ser própria, original, concebida no coração americano: A América não deve imitar servilmente, mas ser original!”; “Em vez de imitar, você deve pensar”, “Ou inventamos ou erramos”². Educação aberta a todos os cidadãos, especialmente aos setores mais pobres e marginalizados, as vítimas mais diretas da velha ordem colonial.

Rodríguez também foi muito crítico dessa pedagogia transmissiva e repetitiva e, em vez disso, propôs uma pedagogia ativa, crítica e criativa: Uma criança aprende mais, em algum tempo, entalhando um pedaço de pau, do que em dias inteiros, conversando com um Mestre que lhe fala sobre abstrações superiores à sua experiência. Ensine as crianças a serem questionadoras, para que, perguntando por que do que são mandadas fazer, elas se acostumem a obedecer à razão, não à autoridade como as limitadas, nem ao costume, como as estúpidas”³.

Mas possivelmente sua maior insistência, razão pela qual foi incompreendido e rejeitado por amplos setores da sociedade, foi seu compromisso, tanto em seus escritos quanto em suas experiências práticas, de cultivar o amor ao trabalho e de unir a educação acadêmica com os ofícios mecânicos e agrícolas, já que era necessário “colonizar o país com seus próprios habitantes”⁴. Ele estava convencido de que a riqueza não consistia em minas, mas em capacidades produtivas, e que o trabalho era a chave para o progresso. Em todos os centros educacionais que criou, instalou oficinas produtivas e até chamou de “Casa da Indústria Pública”, a primeira escola que fundou em Bogotá após seu retorno definitivo à América. Quando não pôde trabalhar como professor, para sobreviver, montou oficinas de produção de sabonetes e velas. Portanto, ele costumava irônico, dizer: Portanto, “lavarei a consciência dos americanos e acenderei a América com minhas velas”.

É preciso também resgatar, entre outros, a figura do peruano José Carlos Mariátegui, conhecido como El Amauta (em quechua Maestro), que criticou fortemente o caráter elitista, colonial e colonizador da educação peruana, que não atendia aos interesses do povo, mas aqueles da classe dominante. Mariátegui também percebeu a estreita relação entre educação, economia e política, e considerou que não era “possível democratizar a educação sem democratizar sua economia e sem democratizar sua superestrutura política”⁵. Por isso, propôs um socialismo indo-ame-

(2) Rodríguez, S. Obras Completas, Volume II, pág. 9

(3) Rodríguez, S. Obras Completas, Volume II, pág. 27

(4) Rodríguez, S. Obras Completas, Volume II, pág. 61

(5) Mariátegui J.C, “El proceso de la instrucción pública”, en Siete ensayos sobre la realidad peruanas, Lima 1982.

ricano, que respondesse à realidade diferente de nossa América, pois “não queremos que o socialismo seja rastreado e copiado na América. Deve ser uma criação heróica”⁶.

1.2 Um educador decisivo: Paulo Freire

Mas, sem dúvida, o educador mais conhecido e influente da América Latina é Paulo Freire, a quem muitos consideram o pai da Educação Popular que se enraizou nas propostas de Educação Libertadora do pedagogo brasileiro desde os anos 1960. Século XX. Diante da educação bancária, acrítica, domesticadora, da educação para a submissão, a serviço dos interesses dos grupos dominantes, Freire propôs uma prática educativa problematizadora ou sensibilizadora que ajude o aluno a compreender e superar a dominação que sofre e o sujeita de sua história e da história.

Na educação tradicional, o educador é aquele que conhece e, portanto, coloca seu conhecimento na mente dos alunos. Não há comunicação, mas meras comunicações dessa pessoa que o aluno deve repetir com a maior precisão possível. Diante disso, a Educação Libertadora opta por uma pedagogia da resistência e do diálogo,

que nasce de uma matriz crítica e gera criticidade. Dessa forma, a Educação Libertadora está orientada a desenvolver, por meio de processos dialógicos e comunicativos, a capacidade de ler a realidade, dizer a própria palavra e escrever a história da libertação pessoal e comunitária.

Freire insiste que a educação nunca é neutra: é a favor da dominação ou da emancipação, de manter o mundo atual ou de transformá-lo. Consequentemente, toda prática educativa é política porque envolve valores, projetos, utopias que reproduzem, legitimam, questionam ou transformam as relações de poder vigentes na sociedade. Por essa razão, Freire distingue entre práticas educacionais conservadoras e práticas educacionais transformadoras.

A educação por si só não muda o mundo, mas sem ela é impossível fazê-lo. Consequentemente, o educador popular deve ter um compromisso ético e político para a construção de um mundo mais justo. O educador vê a história não como fatalidade, mas como possibilidade; não perde sua capacidade de indignação, não é indiferente ou neutro diante das injustiças, da opressão, da discriminação; mantém e promove a esperança na possibilidade de superar a ordem injusta, de imaginar utopias realizáveis.

“Eu não entendo”, Freire nos diz, “a existência humana e a luta necessária para melhorá-la sem esperança e sono... A desesperança nos imobiliza e nos faz sucumbir ao fatalismo em que não é possível reunir as forças indispensáveis para a recriação do mundo... Não é possível lutar se você não tem amanhã, se você não tem esperança ... Não é possível pensar em transformar o mundo sem um sonho, sem uma utopia, sem um projeto. Sonhos são projetos pelos quais você luta. Sua realização exige esforço, coragem, maturidade”⁷.

Freire estava bem ciente de que as proclamações transformadoras tinham que ser endossadas por práticas consistentes, e que a política tinha que ser baseada em uma ética genuína:

(6) Ibidem

(7) Freire, P. (1999) Pedagogía de la Esperanza, Editorial Siglo XXI: Madri, p.8..



“Que tipo de ética é essa”, Freire se perguntou, alarmado, “que só funciona quando aplicada a meu favor? Que maneira estranha é essa de fazer história, de ensinar democracia, de vencer os diferentes para continuar gozando, em nome da democracia, da liberdade de greve? Não há governo que permaneça verdadeiro, legítimo, digno de fé, se seu discurso não for corroborado por sua prática, se patrocinar e favorecer seus amigos, se for duro apenas com os adversários e brando e divertido com os correligionários. Se ceder uma, duas, três vezes às pressões antiéticas dos poderosos ou dos amigos, não vai mais parar ... até chegar à democratização da vergonha”⁸

1.3 Medellín e Puebla assumem a Educação Libertadora de Freire

A proposta da Educação Libertadora ganhou grande impulso em toda a América Latina, quando a Segunda Conferência Episcopal Latino-americana, reunida em Medellín, Colômbia (1968), em consonância com o espírito renovador da Igreja Católica iniciado com o Concílio Vaticano II (1962- 1965), assumiu as ideias de Paulo Freire, tornou-as suas e divulgou-as amplamente.

No encontro de Medellín, os bispos latino-americanos fizeram um esforço para ler a realidade do continente a partir dos pobres à luz da fé e concluíram que

“O Episcopado Latino-americano não pode ficar indiferente às tremendas injustiças sociais que existem na América Latina, que mantêm a maioria de nossos povos em penosa pobreza, em muitos casos perto de uma miséria desumana ... Nós, bispos, queremos aproximar-nos dos pobres com mais simplicidade e fraternidade sincera, tornando possível e acolhedor seu acesso a nós”⁹.

Os bispos entenderam que a opção pelos pobres, para serem eficazes, deve incluir a opção pelos meios que lhes permitam sair da pobreza. E foi aí que descobriram o potencial libertador das ideias educacionais de Paulo Freire, e que os bispos latino-americanos fariam as suas. Segundo o documento final de Medellín, a ignorância é uma servidão desumana e uma das principais causas que mantêm as pessoas na miséria. Conseqüentemente, havia uma necessidade urgente de promover uma educação que ajudasse a libertar as pessoas do fanatismo, do fatalis-

(8) Freire, P. (1996) Política y Educación, Editorial Siglo XXI: Madri, p.38.

(9) Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano. Documentos Finais de Medellín IV, Educação, pp. 3 e segs.

mo e da passividade que as mantinham atoladas em sua situação. Uma educação para a libertação e não para a submissão:

“A nossa reflexão sobre este panorama leva-nos a propor uma visão de educação, mais de acordo com o desenvolvimento integral que defendemos para o nosso Continente; a chamaríamos de educação libertadora, ou seja, aquela que faz do aluno sujeito do seu próprio desenvolvimento. A educação é efetivamente o meio chave para libertar os povos de toda servidão e para os fazer ascender de condições de vida menos humanas a condições mais humanas, tendo presente que o homem é o responsável e o principal arquiteto do seu sucesso ou fracasso. Para isso, a educação em todos os seus níveis deve ser criativa, pois deve antecipar o novo tipo de sociedade que buscamos na América Latina”¹⁰.

A partir de Medellín, la Educación Liberadora se ligó muy fuertemente aA partir de Medellín, a Educação Libertadora tornou-se fortemente vinculada aos grupos cristãos da América Latina comprometidos com a transformação da realidade latino-americana que os bispos não hesitaram em qualificar de “pecado estrutural”. Numerosas congregações religiosas, sacerdotes e grupos de cristãos comprometidos foram aos bairros e áreas empobrecidas, para viver sua fé junto com o povo como um compromisso de servir aos mais necessitados, e encontraram na educação libertadora um meio eficaz para desenvolver sua vocação de serviço. Muitos deles encontrariam em Fe y Alegría um excelente veículo para viver com coerência seu compromisso evangélico e sua vocação de serviço, o que em parte explicaria o rápido crescimento de Fe y Alegría nestes anos.

Em 1970, Salvador Allende assumiu a presidência do Chile por meios pacíficos, por voto popular. Com o triunfo de Allende, surgiu entre os numerosos grupos progressistas uma grande esperança de que fosse possível mudar a sociedade sem recorrer às armas, como pensavam os grupos guerrilheiros e aqueles que consideravam que a revolução cubana deveria se espalhar pelas Américas, como não foi possível transformar a sociedade sem luta de classes e sem violência. Nestes dias, grupos de cristãos e padres pelo socialismo começaram a proliferar, e a educação libertadora teve um grande boom

Em 1971, o padre peruano Gustavo Gutiérrez publicou o livro “Teologia da Libertação”, onde apresentou um Deus libertador, aliado dos oprimidos, que abomina a opressão e a injustiça e os guia da escravidão à liberdade; e a um Jesus próximo dos pobres e das vítimas de qualquer tipo de exclusão e dominação. A Teologia da Libertação entrou em sintonia e alimentou muitos pressupostos da Educação Libertadora, como também fará mais tarde nos anos 1970, para enriquecê-la, as teorias da dependência (Dos Santos, Faletto), o teatro dos oprimidos (Augusto Boal), a comunicação popular de Mario Kaplun, a pesquisa-ação participativa de Orlando Fals Borda, a filosofia latino-americana de Enrique Dussel e as pedagogias críticas que nos chegaram especialmente dos países do Norte.

Mas esse tipo de primavera de esperança de transformar a América Latina por meio da educação e de meios não violentos não durou muito. Os grupos dominantes não aceitariam ideias e políticas que colocassem em risco seus interesses. Em 11 de setembro de 1973, o

(10) *Ibidem* págs. 8 e 9

general Augusto Pinochet deu um golpe muito sangrento e Salvador Allende morreu. Começou uma repressão brutal e milhares de pessoas foram assassinadas simplesmente por terem defendido ideias progressistas e promovido uma transformação social que permitiria às vítimas das estruturas arraigadas de dominação e opressão uma vida digna. As políticas de Segurança Nacional começaram a se espalhar por todo o continente e a América Latina foi repleta de ditaduras brutais e genocidas que tentaram impor um projeto político e econômico contra os interesses populares por meio de uma repressão feroz.

Em 1979, a Terceira Assembleia Geral do Episcopado Latino-americano foi realizada em Puebla de los Angeles (México). Apesar de políticas repressivas terem dominado a maior parte do continente latino-americano e os regimes autoritários encararem a Educação Libertadora com desconfiança, surpreendente e de grande valor, o Documento de Puebla manteve e até mesmo promoveu com mais força as ideias propostas por Medellín:

“Retomamos, com renovada esperança na força vivificante do Espírito, a posição da II Conferência geral que fez uma opção preferencial e solidária clara e profética pelos mais pobres... Afirmamos a necessidade de conversão de toda a Igreja à opção preferencial pelos pobres, com vistas à sua libertação integral”¹¹.

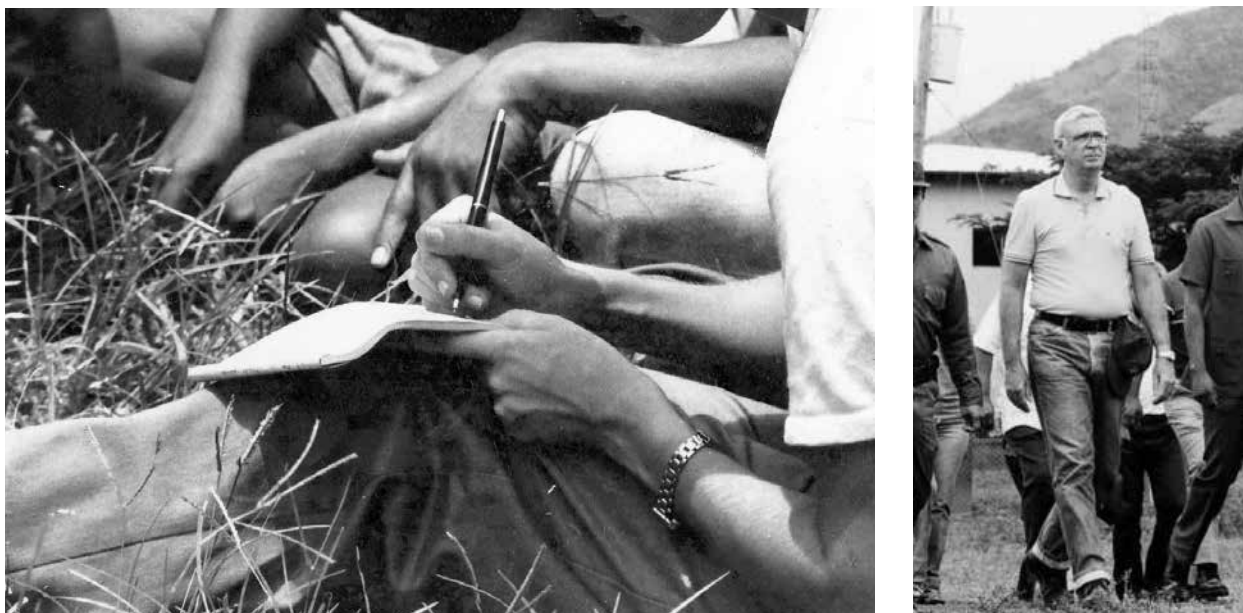
Nesse mesmo ano, a revolução sandinista triunfou na Nicarágua, onde grupos cristãos comprometidos participaram abertamente. Vários padres, incluindo Scotto e os irmãos Cardenal, ocuparam cargos importantes, inclusive como ministros, no novo governo. A juventude católica participou com entusiasmo da campanha internacional de alfabetização, que seguiu o método de sensibilização de Paulo Freire.

1.4 Educação Libertadora torna-se educação popular

Em 1980, Monsenhor Romero, a voz dos sem voz, foi assassinado em San Salvador, um homem simples que, diante da evidência da crueldade das forças repressivas, que de forma alguma permitiam que as políticas de justiça triunfassem, estava abandonando suas ideias conservadoras, até erguer a sua voz corajosa, de raízes proféticas e evangélicas, contra as forças da dominação.

Diante da crescente repressão que prevalecia em praticamente toda a América Latina, a Educação Libertadora aliou-se aos grupos de resistência, engajados com as vítimas da repressão (organizada ou não), e com os movimentos que lutaram contra as ditaduras e se popularizaram. A partir

(11) Conferencia General del Episcopado Latinoamericano en Puebla, México. Documento Final. Tercera Parte, La evangelización en la Iglesia de América Latina, Comunión y Participación. Capítulo 3, Medios para la comunión y la participación. 4, Educación, párrafos 1024 y ss.



Fotografias tiradas de: <https://www.elmundo.es/internacional/2016/02/20/56c8a41722601ddc168b45c5.html> (1984)

de 1981, impõe-se o nome de Educação Popular, ao invés de Libertador. Dado que o marxismo tinha uma teoria que explicava a pobreza, a dependência e a dominação, a Educação Popular se aproximou do marxismo, mas o fez a partir da corrente althusseriana, que considerava a educação como um aparato ideológico do Estado, a serviço das classes dominantes. Conseqüentemente, naqueles anos havia um profundo desentendimento entre a educação formal e a Educação Popular que se concentrava principalmente na formação de lideranças de organizações e movimentos sociais, trabalho na alfabetização, saúde, comunicação alternativa, meio ambiente, cooperativismo e economia popular. Esses grupos consideravam que a educação popular não era possível em contextos formais, visto que a escola era o principal meio de reprodução da cultura de dominação.

Nesse período, a Educação Popular tornou-se altamente politizada e ideológica, a ênfase foi colocada na consciência de classe e na tomada do poder, independentemente da mídia e sem analisar como o poder era exercido nos microespaços do cotidiano e entre os próprios grupos que procuraram conquistá-lo; o catecismo dos manuais substituiu a reflexão e a análise; a ideologia estava substituindo a pedagogia e, como se repetia muitas vezes em reuniões e congressos - “citando Paulo Freire e sua pedagogia dos oprimidos, acabou oprimindo a pedagogia”; a doutrinação prevaleceu sobre o diálogo e a reflexão. Seu dogmatismo e aliança com o marxismo e com os grupos mais radicais fez com que muitos comesçassem a ver a Educação Popular com desconfiança e até se opor frontalmente.

Diante da constatação da ausência de resultados políticos e sociais e de seu forte caráter ideológico e até dogmático, os educadores e educadores populares iniciaram a partir de 1985 um sério questionamento e

autocrítica dessa forma de conceber o trabalho educativo, que ganhou muita força nos anos noventa e isso ainda continua hoje. Isso fez com que a Educação Popular revise e aprofundasse suas análises, orçamentos, propostas e práticas para que respondessem melhor às novas realidades. Considerou-se muito necessário rever e expandir os conceitos de pobreza e marginalização para além da dimensão económica e social para assumir todas as formas, muitas vezes ocultas, de exclusão e discriminação. Também foi necessário repensar e analisar o exercício do poder nas dimensões macro, meso e micro; e eles insistiram em recuperar a pedagogia vinculando-a mais fortemente à política.

Esse rico processo de reflexão e questionamento foi liderado sobretudo pelo CEAAL, que embora tenha nascido nos anos 1980 como Conselho de Educação de Adultos da América Latina, a partir de 2012 passou a se chamar Conselho de Educação Popular da América Latina e Caribe. Desde então, o CEAAL vem defendendo fortemente a validade da Educação Popular, e por meio de fóruns, encontros e principalmente com sua revista La Piragua, tem gerado reflexões, críticas, propostas e experiências, e tem sido um importante veículo de reflexão, promoção e socialização de experiências entre diferentes movimentos sociais na América Latina.

Embora a amplitude e a riqueza da Educação Popular preceda e ultrapasse o espaço que o CEAAL constitui, não podemos ignorar que esta rede continental de mais de uma centena de centros de EF na América Latina é um ambiente privilegiado para reconhecer os contextos, as tensões, debates e desafios neste campo.

Após uma breve revisão dos artigos publicados na revista La Piragua, Alfonso Torres (2007), considera que os elementos essenciais que a Educação Popular tem trabalhado e ainda são muito relevantes e necessários hoje são os seguintes:

1. Propósito ético-político emancipatório para a construção de sociedades que superem injustiças, dominações, exclusões e desigualdades.
2. Contribuição para a constituição dos setores populares como sujeitos de transformação a partir do fortalecimento de seus processos e lutas organizacionais.
3. Como ação pedagógica, busca influenciar o campo subjetivo (consciência, cultura, crenças, quadros interpretativos, emocionalidade, vontade e corporeidade)-
4. Criação e prática de metodologias de trabalho dialógico e participativo, como a construção coletiva do conhecimento, o diálogo do saber, a pesquisa participativa, a sistematização de experiências, o resgate crítico da história...¹²

(12) Torres, A. (2007): A educação popular. Trayectoria y actualidad, El Búho, Bogotá.

1.5 Educação Popular na América Latina em tempos de governos progressistas

No final dos anos noventa e início do século XXI na América Latina, o entusiasmo gerado após o fim das ditaduras e o início das reformas democráticas em quase todos os países do continente rachou-se diante da evidência das terríveis consequências sociais que a implantação trouxe do credo neoliberal. Os indicadores de pobreza e desigualdade social dispararam e o desemprego, a precariedade e a informalidade tornaram-se as características predominantes do mundo do trabalho; enquanto a crise de plutocracia, corrupção e legitimidade piorava apesar das políticas de modernização do Estado.

Essa situação gerou um mal-estar crescente entre a população que estava substituindo as democracias oligárquicas por governos que se autoproclamavam de esquerda e antineoliberais. A maioria dos governos da América Latina assumiu muitos dos princípios essenciais da Educação Popular, redigiu e aprovou constituições muito progressistas, deu destaque e voz a setores tradicionalmente ignorados (indígenas, afrodescendentes, mulheres...), políticas econômicas e sociais avançadas em favor das populações excluídas, e conseguiu reduzir consideravelmente os indicadores de miséria e pobreza.

Em alguns deles, porém, foram impostas práticas cada vez mais populistas e autoritárias, no esforço de se manter no poder a todo custo e a qualquer preço. Alguns até assumiram comportamentos ditatoriais e altamente repressivos, em violação dos direitos humanos essenciais. Nesse período de governos progressistas, tem ocorrido um processo de “profissionalização” de educadores populares que deixaram de

lado a militância política, tornando-se promotores de iniciativas sociais de governo, enfatizando uma relação de tipo clientelista e / ou de controle com a população, o que os tem levado a prescindir de debates político-ideológicos que possam comprometer a coesão dos grupos¹³, voltados para o atendimento de tarefas burocráticas.

Assim, entramos na segunda década do século XXI com um depoimento coletado pela colega do CEAAL, Verónica del Cid,

“Quando chamo de bom e mau, indiquei que se trata de não confundir o sistema de dominação, que há interesses e projetos em disputa e que apostamos em concepções de vida completamente diferentes. Trata-se de não confundir as diferentes posições de poder que nos mantêm em constante contradição. Há dois projetos em disputa: um que quer hegemonizar a vida, acabar com a vida com interesses de acumulação usando todas as formas de dominação que existem para garantir seus interesses e há o outro projeto que está sendo construído a partir dos povos com todas as suas contradições”

Segundo a educadora, o importante é “pedagogizar” os espaços em que essas vivências são realizadas, redimensionando o papel estratégico e político dos processos educativos, o que significa questionar as vivências, questionar se elas permitiram criar um pensamento crítico, se realmente promoveram projetos emancipatórios, se contribuíram para a compreensão da lógica do poder hegemônico e se estão estimulando novas formas de construção da sociedade.

(13) Zibechi, R. (2018) “Medio siglo de Educación Popular” en <https://www.nodal.am/2018/06/medio-siglo-de-educacion-popular-por-raul-zibechi/>

2. Princípios essenciais da Educação Popular

Se tentarmos olhar hoje com olhos de pessoas empobrecidas e excluídas, a realidade de nossos países e do mundo, veremos que as opções fundamentais e os elementos constitutivos da Educação Popular Libertadora são ainda mais válidos do que nunca. Nas palavras de Oscar Jara¹⁴,

Na grande maioria de nossos países, as lacunas de equidade e igualdade permanecem intactas...; o desafio de superar as lacunas de equidade nos campos econômico, social e cultural, lacunas de gênero, lacunas de discriminação étnica, lacunas separadas por idade, eles permanecem intocados. É por isso que antes desse paradigma neoliberal, antes do paradigma da privatização, antes daquele paradigma do individualismo, antes daquele paradigma da educação para o mercado e da educação como mercadoria -isto é, onde se vendem conhecimentos e possibilidades educacionais- afirmamos Outro paradigma: um paradigma de uma educação transformativa, um paradigma de uma educação solidária, um paradigma que garante também o direito a uma educação pública gratuita e de qualidade, um paradigma de educação como construção de capacidades de aprendizagem e crescimento pessoal ao mesmo tempo ao longo da vida”.

Jara reafirma fortemente a necessidade de continuar apostando em uma Educação Popular emancipadora e transformadora, que abarque todos os campos, modalidades e níveis, e endossa as ideias do

sociólogo chileno Hélio Gallardo¹⁵, que afirma a necessidade de passar da noção de popular para a popular o sentido social à noção de popular no sentido político:

“O povo social é formado por todos aqueles setores que sofrem algum grau de assimetria, lacuna, desigualdade, devido a qualquer forma de exploração, opressão, exclusão, marginalização ou discriminação. Todos esses setores constituem as pessoas sociais. Portanto, a Educação Popular é uma educação que resgata a vida, as necessidades, os sonhos, os cuidados, as frustrações, as expectativas desse povo social. Porém, o importante é avançar para a noção de povo político: isto é, aquele que se refere a todos aqueles setores sociais, organizações e pessoas que lutam para eliminar as condições de exploração, exclusão, opressão, marginalização e discriminação”

Portanto, face à afirmação de que a Educação Popular já não faz sentido hoje e à pretensão generalizada de impor modelos educacionais a serviço das estruturas atuais, é necessário sublinhar a sua validade, e reivindicar, entre outros, os seguintes princípios recolhidos de vários autores e das conversas que conduzimos com alguns educadores populares conhecidos:

A intenção de emancipação ético-política e a necessidade de cultivar a esperança comprometida na transformação das estruturas injustas e dos mecanismos de opressão, discriminação e exclusão; esperança que se torne uma reclamação e anúncio criativo de propostas diferentes, modelos diferentes, relações diferentes, educação diferente, para alcançar um mundo diferente.

(14) Conferência inaugural do Encontro-Assembleia do CEAAL, “Os desafios dos processos de Educação Popular no contexto atual”. Quito, 29 de agosto de 2014

(15) Gallardo, H. (2011) “El pueblo como actor político y como sujeto histórico”, Revista Pasos, N. 152, Julio-Septiembre 2011.



- Necessidade de recuperar a solidariedade militante e o compromisso com as populações e grupos mais vulneráveis, discriminados e excluídos por razões econômicas, políticas, culturais, étnicas, sexuais e religiosas. É necessário recriar uma cultura de rebelião, de resistência, de memória, de solidariedade, de diversidade, de crítica, de liberdade
- Estudo crítico da realidade local, nacional e mundial para detectar e enfrentar as velhas e as novas exclusões e discriminações em defesa da diversidade, considerando-a um valor essencial, contra a pretensão de impor um pensamento único que considere como único válido ou superior os modelos impostos. Imposição pretendida não só por países que promovem abertamente a democracia neoliberal, mas também por regimes totalitários, que adotaram a economia de mercado sob um forte centralismo político do partido comunista, como é o caso da Rússia e da China que, no confronto geopolítico mundial, continue a apoiar as experiências enfrentadas com o imperialismo norte-americano.
- Defesa dos direitos humanos, hoje tão violados, e dos direitos da natureza, hoje tão maltratados, superando o mero antropocentrismo para assumir o biocentrismo, ou seja, a defesa de todas as formas de vida.
- Autocrítica permanente para reconhecer excessos, ausências, limitações e incoerências que distorcem nossas formas de analisar a realidade e impedem a busca de alternativas para transformá-la.
- Necessidade de uma humildade infalível, totalmente afastada de posições dogmáticas, que respeite e valorize a diversidade de propostas e experiências e busque a articulação de todas as pessoas e grupos que buscam a transformação de nosso mundo injusto e exclusivo
- Contribuição para a constituição de setores populares como sujeitos de transformação a partir do fortalecimento de seus processos e lutas organizacionais, desenvolvendo as capacidades que favoreçam a participação e o sentido de comunidade.
- Como ação pedagógica, busca influenciar o campo subjetivo (consciência, cultura, crenças, quadros interpretativos, emocionalidade, vontade e corporeidade), favorecendo as pedagogias críticas e criativas, em detrimento das pedagogias transmissivas e reprodutivas.
- Criação e práticas de metodologias de trabalho dialógicas e participativas, como a construção coletiva do conhecimento, a negociação e o diálogo do saber.
- Destaque para a necessidade de sistematização como instrumento de formação e conhecimento da realidade, que também forneça pistas para sua transformação e a transformação de sujeitos transformadores. A sistematização pode se tornar uma fonte fértil de análise, auto-reconhecimento, identidade, memória e criação coletiva de conhecimento.

3. Educação Popular em Fe y Alegría

Nos anos 1984-85 e após um longo processo de reflexão e debate, nem sempre isento de confrontos e lutas internas, porque em Fe y Alegría também existiam posições conflituosas e até opostas, Fe y Alegría definiu-se na sua Ideologia como **Movimento de A Educação Popular** numa época em que, embora passasse a questionar, a Educação Popular ainda olhava para o mundo escolar com desconfiança e desconfiança. Fe y Alegría, que nasceu como uma resposta educativa cristã ao clamor da injustiça e considerou que a ignorância era a prin-

cipal causa da pobreza e da dependência, nunca aceitou que quisesse reduzir a Educação Popular às práticas educativas não formais e optou por a Educação Popular em todos os seus programas. Nesse sentido, o XVIII Congresso Internacional reunido em Cali em 1987¹⁶, dois anos após a promulgação da Ideologia, expressou em suas conclusões: “Vê-se com satisfação como as abordagens da Educação Popular a partir da educação não formal têm plena aplicabilidade nos processos educacionais da escola ordinária superando definitivamente o mito de que a Educação Popular é exclusividade dos processos não formais e de desescolarização de adultos”.

Por outro lado, diante da ambiguidade do termo popular e de seus múltiplos sentidos, Fe y Alegría entende a Educação Popular não tanto por seus destinatários (os pobres, marginalizados, excluídos...) ou por suas modalidades (não formais ou formais), mas por sua intencionalidade transformadora e assume-a como proposta educacional alternativa, superando práticas tradicionais ou da moda, que visa construir uma sociedade mais democrática e justa e combater as estruturas de opressão e dominação.

Como foi claramente especificado no Congresso de Antigua (Guatemala, 2001)¹⁷, Fe y Alegría assume a Educação Popular como uma proposta ética, política e pedagógica para transformar a sociedade atual. Para Fe y Alegría, a raiz fundamental de sua proposta política e pedagógica está na ética. Porque reconhecemos que todos os homens e mulheres, como filhos de um Deus que é um Pai-Mãe comum que quer que vivamos como irmãos, são únicos e irrepetíveis, essencialmente iguais, portadores de valores, com dignidade absoluta e missão de atuar na vida; Nos opomos a todas as formas de dominação e discriminação e, conseqüentemente, não aceitamos uma sociedade que exclui e nega a vida e os direitos à maioria e a muitos grupos “diferentes”. Por isso, optamos por essas majorias e por grupos discriminados, cada vez mais privados de vida e dignidade, e com eles, como protagonistas e sujeitos históricos, nos comprometemos a transformar a sociedade, a transformar gradativamente nossas práticas e relações cotidianas, e a Estamos nos transformando, pois temos plena consciência de que somente na medida em que nos esforçamos para ser esses novos homens e mulheres, para encarnar os valores que proclamamos em nossas vidas e práticas, estaremos ajudando a construir a nova sociedade. Sociedade que hoje visualizamos como profundamente democrática e participativa, de verdadeiros cidadãos com voz e poder. Sociedade que rejeita o autoritarismo e combate a miséria, a ignorância, a discriminação como atentados à humanidade, como entraves essenciais ao exercício da cidadania e ao desenvolvimento humano sustentável.

A democracia genuína, uma democracia participativa e substantiva, pressupõe uma confiança radical no ser humano e se fortalece no sentido da igualdade pessoal e coletiva. Mas a igualdade deve se traduzir em participação real e efetiva. A igualdade é um ponto de partida e de chegada: porque afirmamos a igualdade essencial de todos os seres humanos, trabalhamos por uma sociedade sem grupos excluídos, que valoriza a

(16) Federação Internacional de Fe y Alegría (2008) Pensamento de Fe y Alegría. Documentos dos congressos internacionais 1984-2007). No: <http://www.feyalegria.org.gt/files/identidad/Pensamientos%20FyA%20congresos%20Internacionales%20.pdf>

(17) Ibid

diversidade e permite que todos, todos e cada um contribuam a partir das suas diferenças. Esta opção traduz-se numa luta tenaz e persistente contra a pobreza, a exclusão e a discriminação, e contra as causas históricas e estruturais que as causam e mantêm.

Consequentemente, optamos por uma pedagogia e metodologia condizentes com nossa opção ética e política. Pedagogia crítica e criativa, para a transformação e não para a adaptação, que parte do conhecimento e da cultura dos alunos e se orienta, através do diálogo do saber e da negociação cultural, a empoderá-los, ou seja, a promover uma formação que lhes conceda voz e poder para que sejam sujeitos da transformação das suas condições de vida e da sociedade excludente e discriminatória. A miséria e a exclusão estão ligadas, em última instância, à falta de voz e poder dos grupos populares. Um povo ignorante ou com formação superficial será sempre vítima de lideranças manipuladoras e viverá na expectativa de salvar messianismos e sob a ameaça do fanatismo que proliferará em mil formas de intolerância.

Fe y Alegría se define como Movimento de Educação Popular. Nessas palavras, sua identidade e sua missão são resumidas. Ao se definir como movimento, Fe y Alegría está optando por um processo de contínua transformação e atualização. Ser movimento implica permanente desestabilização criativa, a contínua releitura crítica da realidade ou contexto a partir dos interesses dos setores pobres e excluídos, em atitude de busca comprovada, com grandes doses de ousadia, desacordo, autocrítica sincera e constante, para superar inconsistências e adaptar práticas às demandas e desafios colocados pela realidade em constante mudança e o crescente empobrecimento e exclusão de maiorias, bem como de grupos minoritários segregados. A identidade de Fe y Alegría postula um discernimento permanente, pessoal e coletivo que nos esclarece se realmente estamos fazendo o que devemos e o fazemos como devemos.

De fato, se olharmos os temas e propostas dos Congressos Internacionais após a aprovação da Ideologia (especialmente o de Antigua, Guatemala, que abordou explicitamente o tema da Educação Popular, e o seguinte, no Paraguai, que se seguiu reflexão desde a perspectiva da pedagogia), aos programas federativos e às numerosas publicações tanto da Federação como dos diversos países, é evidente a preocupação e o esforço de Fe y Alegría em adaptar as suas práticas educativas com crescente coerência às demandas de sua identidade e missão. Nos Congressos, será sempre a partir de uma leitura crítica do contexto e, à luz deste estudo, serão delimitados os temas a serem aprofundados, o sentido de marginalização será ampliado para além do social e económico, para incluir outros temas de exclusão e discriminação por motivos raciais, de gênero, sexuais, culturais e religiosos. Embora, para melhor responder aos contextos, os temas propostos sejam variados, a opção por uma educação transformadora em prol de um mundo mais justo e fraterno se manterá sempre como quer Papadiós e foi o projeto de Jesus, que nos convida para construí-lo. Para que isso seja possível, foi privilegiada a formação humana, pedagógica e espiritual de todo o pessoal, com diversos programas.

Um marco significativo nessa trajetória de consolidação de uma filosofia educacional que permita a sustentabilidade do movimento foi a implantação, a partir da instância federativa, do projeto latino-americano de formação de educadores populares, entre 2001-2006, que contemplou cerca de 25.000 educadores e educadoras do Fe y Alegría nacional. Para levar a cabo esta proposta de formação massiva, foi desenhada



uma coleção de 14 brochuras nas quais se desenvolveram os conteúdos de uma formação básica que giraria em torno de três dimensões: humana, sociopolítica e cultural e pedagógica. É no XXXIII Congresso Internacional de Assunção em 2002 que se delineia este projeto sob o tema “A pedagogia da Educação Popular em Fé e Alegria”. Enquanto um ano depois, no XXXIV Congresso Internacional de Bogotá, será delineado o que mais tarde constituiu o sistema de qualidade em Fe y Alegria desde a perspectiva da Educação Popular que a maioria dos países implementaram.

Diante do crescimento e consolidação do movimento, também do poder público federal, a arrecadação “Além do asfalto. Nossa identidade de Educação Popular “que tem por objetivo oferecer material didático para a formação de educadores que ingressam no trabalho ou têm poucos anos de serviço na instituição, a fim de lhes oferecer a oportunidade de se aproximarem da história do movimento e contribuir com para desenvolver neles um sentimento de pertença.

Os processos de formação federativa implantados durante doze anos (2003-2015) serviram de base, em suma, para a construção de um referencial de formação em Fe y Alegria. O texto “A formação de educadores e educadores populares. Uma proposta para a transformação das práticas”¹⁸ tenta sistematizar os princípios e a metodologia que nortearam esses processos, que foram enriquecidos pelas equipes pedagógicas das sedes nacionais de Fe y Alegria.

(18) Borjas, B., Ortiz, M., Rodríguez E. e Soto, M. (2015) A formação de educadores e educadores populares. Uma proposta de transformação das práticas Editado pela Federação Internacional de Fe y Alegria.

O contexto nos desafia

1. Abordagem para o contexto global que estamos vivenciando

Um traço característico e inalienável da Educação Popular é partir do contexto, pois só se o soubermos podemos contribuir para transformá-lo; Por isso, vamos nos aventurar a uma breve caracterização, enfocando aqueles aspectos que podem ser de interesse para a tarefa de Fe y Alegría nas circunstâncias atuais.

Vivemos em sociedades onde não é fácil lidar com o presente, a resposta à mudança é sempre complexa, especialmente em geografias de exclusão. Nada é simples, nem inequívoco, nem unilinear, nem responde a uma única causa. Estamos rodeados de complexidade. Hoje ninguém pode imaginar o futuro próximo, não somos capazes de responder e, portanto, ousamos cada vez menos fazer a pergunta fundamental: “para onde vamos? Olhamos para um horizonte insuspeitado que nos apresenta a revolução digital, as novas biotecnologias, a robotização, a engenharia genética, a proliferação de conflitos com as tecnologias mais recentes, novas doenças, o acúmulo de lixo tóxico, o aquecimento global e, em geral, a deterioração ecológica que põe em perigo real o desaparecimento da espécie humana ou mesmo da vida na Terra.

Já é lugar comum afirmar, dada a velocidade e profundidade com que as mudanças estão ocorrendo hoje nas mais diversas áreas, que vivemos uma “Mudança de Era” e não uma “Época de mudanças. É verdade que, na história da humanidade, sempre houve mudanças. A novidade consiste na velocidade e intensidade dessas mudanças. As mudanças políticas, técnicas, científicas, culturais e sociais estão sendo incorporadas a um ritmo tão vertiginoso que, como diria Carandel,¹⁹ ““não nos deixam tempo para assumir nossas perplexidades”. Tanto é verdade que a própria mudança, ou seja, a novidade e a originalidade, passa a ser o valor fundamental. A vida econômica, social, profissional e pessoal contemporânea exige, não só adaptar-se à nova situação, mas também preparar-se para viver em permanente adaptação às exigências do processo de mudança contínua. Portanto, o olhar do educador popular deve estar sobre tudo o que envolve a dinâmica social, desvendando seus componentes para compreender seu significado, aprendendo com as mudanças e sabendo que sua interpretação e posterior atuação serão irrepetíveis, únicas, como qualquer outro fato social.

Bauman (2015)²⁰, a partir da década de oitenta do século XX, começou a intuir que nossa sociedade havia deixado de ser previsível e avançava progressivamente para um colapso mais típico dos estados “líquidos” do que dos sólidos. Ele cunhou o termo “modernidade líquida” com base nos conceitos de fluidez, mudança, flexibilidade e adaptação. As velhas estruturas fixas e imutáveis desaparecem e fluem. A tese tratada pelo professor polonês está relacionada ao princípio da estabilidade teórica da sociedade, definida pelas estruturas sociais, mas agora talvez estas não estejam mais definidas com tanta clareza; da mesma

(19) Citado por Pérez Gómez, A. Cultura escolar na sociedade neoliberal, Morata, Madrid, 1998

(20) Bauman, Z. (2015). Modernidade líquida. Fundo de Cultura Econômica.

forma, tudo parece caminhar para uma solubilidade manifesta, pois os limites entre os fenômenos sociais são cada vez mais intangíveis.

As instituições democráticas de muitos países podem estar em uma das fases de menor popularidade da história dos últimos tempos, razão pela qual seria necessário repensar globalmente como funciona a participação. Paradoxalmente, no final do século XX, as democracias vêm ganhando terreno diante dos governos militares, especialmente na América Latina; Porém, como expressa Ramonet, o poder econômico tem fagotizado sistematicamente os processos libertários e participativos, fazendo com que a própria democracia perdesse eficácia e, o que é pior, gerando corrupção e desigualdade²¹.

Outro exemplo é a mudança na relação espaço-tempo gerada pela conectividade global por meio da internet; Graças às novas tecnologias com um “clique” nos ligamos a uma informação vasta, mas líquida, pois avançamos muito em informação, embora nem tanto em conhecimento. Nós nos movemos por terras pantanosas que passaram a ser chamadas de “pós-verdade”; Além disso, abrimos novas relações no meio digital, mas o compromisso que percebemos nas novas formas sociais é muito sutil e cercado por uma certa virtualidade. No entanto, podemos encontrar novas pontes de relacionamento; a sociedade é talvez mais intercultural do que nunca, e as ações se tornaram “glocais” (contexto global da leitura local). A grande aposta é fazer isso sem gerar a chamada exclusão digital, ou seja, apenas uma parte da população tem conectividade por falta de recursos. As possibilidades de conexão à Internet no mundo pertencem apenas

a metade da população (ITU, 2010), pois em muitos países o acesso requer um certo nível econômico e, pior ainda, às vezes esse acesso é controlado pelos governos porque é um remédio que pode ser usado contra o próprio estado. Ninguém sabe o que acontecerá nos próximos 10 anos economicamente; Desde a década de 1980, o mundo avançou em um neoliberalismo generalizado, paradoxalmente com graves problemas nas liberdades individuais, uma vez que o acesso às oportunidades de desenvolvimento está sendo limitado por conflitos de interesses econômicos²².

A globalização econômica, baseada na terceirização produtiva (dos países centrais aos periféricos), criou novos mercados e certas oportunidades de emprego nos países empobrecidos, mas acentuou o desequilíbrio entre as classes sociais e a desigualdade, principalmente pela precariedade dos cenários trabalho submetido. Salários baixos e poucos direitos trabalhistas (regulamentação inexistente de jornada de trabalho, previdência social, desemprego...) configuram um panorama de difícil sobrevivência para os trabalhadores²³. Esses níveis crescentes de miséria, insegurança e desesperança estão fazendo com que se perca o fervor pela democracia que eles percebem permeado pela corrupção e incapaz de resolver os problemas da maioria. Além disso, a violência aumenta a cada dia: muitos bairros e cidades foram ocupados por gangues criminosas ou grupos paramilitares que impõem sua lei. Cresce o medo, a sensação de que as portas do futuro se fecharam para eles, motivo também para muitas pessoas abandonarem seus países e aumentarem os deslocamentos populacionais.

(21) Ramonet, I. (2001). Impacto da globalização nos países em desenvolvimento. Revista Memoria, 143.

(22) Sen, A. (2000). Desenvolvimento como liberdade. Gaceta Ecológica (1.a ed.). Planeta.

(23) Torres, A. (2012). “Produção e transformação do espaço residencial da população de baixa renda de Bogotá no marco das políticas neoliberais (1990-2010)”. Cidades: Revista do Instituto Universitário de Planejamento Urbano da Universidade de Valladolid, (15), 227-255

Está se tornando cada vez mais difícil para bilhões de pessoas sobreviverem a cada dia, forçando-as a emigrar de suas terras em condições desesperadoras devido aos conflitos econômicos, políticos e armados cada vez mais intensos. Esses êxodos desencadeiam a necessidade de busca de países para asilo ou refúgio²⁴. Além disso, surge uma nova categoria nos motivos dos deslocamentos populacionais: as migrações geradas por causas ecológicas. O ecossistema planetário está muito ressentido com as mudanças climáticas que estão gerando desertificação e inundações; Há um aumento generalizado da contaminação pela ação antrópica e estamos enfrentando um desmatamento crescente em consequência da invasão industrial de santuários naturais, gerando graves alterações na forma de viver (trabalho), doenças (muitas delas curáveis), perda de água potável e segurança alimentar²⁵.

Essas pessoas expulsas dificilmente são bem-vindas nos países anfitriões; Ainda boa parte dos governos do mundo valoriza a migração apenas como uma “força de trabalho”, e não como PESSOAS que buscam alternativas para melhorar suas condições de vida, gerando discriminação e castas sociais em países de trânsito ou destino, onde populações estrangeiras, às vezes por gerações, sofrem um declínio permanente em suas oportunidades sociais e de trabalho²⁶, às vezes levando a conflitos interétnicos ou simplesmente entre grupos de estrangeiros e grupos de nacionais.

Esta situación nos brinda un panorama que atraviesa transversalmente todo el planeta, pero, sobre todo, afecta a personas, que, como expresa De Sousa Santos, por su situación social, económica o geográfica, son más vulnerables, identificándose así tres ejes de desigualdad²⁷: ((1) como já foi apontado, existe o eixo econômico ou acesso aos recursos de forma limitada devido à ausência de um estado regulatório, mas também podemos encontrar (2) o eixo cultural ou neocolonial, onde a população que sofre com isso sofre mais desigualdade se pertence a uma minoria étnica ou estrangeira no que diz respeito à região de acolhimento, e por último (3) ao eixo patriarcal, onde só por ser mulher sofre múltiplas discriminações, não só econômicas, mas também sociais e familiares. Este último eixo também penetra transversalmente na pirâmide social de muitos dos países do mundo, e se traduz em costumes profundamente enraizados que vão desde a desigualdade e exclusão de mulheres e meninas em diversos processos, até a violência de gênero, matando mais de 130 mulheres por dia no mundo²⁸.

Por outro lado, o trabalho perdeu a sua segurança, razão pela qual, no bom sentido, é também líquido, imprevisível e de baixa qualidade, por diferentes motivos, embora talvez a sua marca fundamental seja a sua precariedade (como já referido). A precariedade não só pela renda econômica que gera, mas também nos aspectos relacionados à identidade no trabalho. As identidades ocupacionais estão cada vez mais

(24) ACNUR. (2018). Tendências globais: Deslocamento forçado em 2017. Tendências globais..

(25) Meio Ambiente da ONU. (2019). Perspectivas del Medio Ambiente Global (GEO-6). Quênia

(26) García Roca, J. (2013). O mito da segurança PPC EDITORIAL.

(27) de Sousa Santos, B. (2018). “As dores que restam são as liberdades que faltam”. Conferência de abertura do CRES 2018. Integração e Conhecimento, 7 (2), 8-21..

(28) Meio Ambiente da ONU. (2018). Relatório Anual da ONU Mulheres 2017-2018. Meio Ambiente da ONU.

confusas. Pelas tendências atuais, um adolescente terá em média 40 anos de trabalho e passará por mais de 20 empregos diferentes; além disso, mudará 3 vezes de identidade de trabalho. No entanto, é possível que a 4ª revolução industrial em curso (internet das coisas e das pessoas²⁹), traga consigo novas profissões de cuidado, tão necessárias em nossos contextos. Portanto, é urgente uma reavaliação das tarefas reprodutivas, o que significa defender os direitos trabalhistas das pessoas que exercem essas profissões, sem perder sua carga emocional, já que é uma das chaves para o desenvolvimento humano sustentável.

Talvez como resultado desse panorama de incertezas e medos, recentemente podemos encontrar algumas revoltas populares em diferentes partes do planeta. Quase simultaneamente, vimos levantes em Hong Kong, Chile, Espanha, Equador ou Líbano, para citar alguns exemplos, díspares em cultura e geografia, mas com certas características comuns: (1) o levante é intergeracional e em diferentes camadas sociais em termos da população que atende; (2) a mobilização é convocada pelas redes sociais, contornando os filtros do governo; (3) a resposta do governo é quase sempre

minimizadora e violenta; e, talvez o mais importante, (4) advém de um descontentamento generalizado com as condições precárias de trabalho e / ou da falta de participação democrática que o neoliberalismo trouxe³⁰. Alguma coisa pode estar acontecendo em boa parte da população; podemos estar ultrapassando os limites de várias maneiras

Somos educadores e temos um novo panorama com uma nova juventude com a qual devemos aprender a olhar para novos contextos; eles e eles, certos de que têm as chaves; tudo está mudando, também os novos modos de relacionamento, identidades e lutas. Javier Elzo³¹ na Espanha, intuiu os novos “clusters” nos quais agrupa jovens de 15 a 21 anos; Nessa nova classificação, o eixo modernidade-conservadorismo não aparece mais como elemento de divergência; O eixo atual em que os jovens parecem se configurar é o eixo do compromisso-desafeto, e nesse novo grupo encontramos valores nas novas gerações que revelam elementos do futuro: a família, o consumo responsável (ambiental), a justiça social..., são valores predominantes com os quais os jovens se querem comprometer 60% do tempo; É uma dimensão totalmente nova que merece ser monitorada individualmente e que certamente terá efeitos no futuro.

Como consequência do exposto, vemos que em comparação com outros tempos históricos e culturais, as explicações atuais perderam sua simplicidade. Estamos cercados de complexidade, e administrar a complexidade pode levar à instabilidade, falta de clareza, incerteza, gerando insegurança, dificultando o planejamento; mas também oferece a possibilidade de criar, propor, inventar e renascer. A incerteza é a companheira da liberdade e cúmplice da criação. Embora geralmente associado ao “medo”, podemos, com uma simples mudança de vogais, transformá-lo em um “meio” de criação e proposta, transformar a tensão em tenacidade para assumir com vigor e forçar a nossa vocação de sujeitos históricos. Por isso, como educadores e educadores populares de Fé y Alegria, reivindicamos a esperança

(29) A internet das coisas (IoT) visa a interconexão digital de objetos do cotidiano com a internet, mas também se a internet das pessoas (IoP) for introduzida, visa a intersecção entre a tecnologia e a melhoria da qualidade de vida e bem-estar das pessoas.

(30) Calderón, M. (2019) El Fantasma de los Mundos Inconformes. Cartografía de protesto global. Sociotramas.org

(31) Elzo, J. et al. (2019). Juventude e valores (I). Um ensaio sobre tipologia. Centro Reina Sofia.

comprometida com a transformação de nosso mundo. Os tempos atuais são repletos de possibilidades, convocam a nossa ousadia e a nossa vocação de dedicação e serviço. Nunca como hoje o poder transformador e criativo do ser humano foi mais radicalmente demonstrado, que embora seja capaz de causar um holocausto, é também capaz de alcançar uma vida digna e plena para toda a humanidade. Nunca como hoje houve maior conscientização sobre os direitos humanos, nem a educação teve tanta importância. Mas só podemos cumprir adequadamente nossa missão de educação popular se nos comprometermos a mudar profundamente nossas ideias e práticas.

Novos contextos estão mudando nossas respostas, mas também nos dão novas visões. A luta pela “casa comum” nos dá novas diretrizes para o trabalho político, além de visualizar novos direitos coletivos, com os quais a sociedade começa a reconfigurar sua história. Como disse Chomsky, parece que “este não é um momento para heróis, é um momento para boas ideias”.

Epilogo contextual

É preciso, no tempo de confinamento em que escrevemos estas linhas, referir-nos à pandemia global de Covid19. Está se revelando trágico em muitas latitudes, mas também está sendo especialmente amplificado, visto que, pela primeira vez, está repercutindo especialmente nos Estados Unidos e na Europa. Portanto, é aconselhável citar outras pandemias não tão notórias, uma vez que parece que as pessoas afetadas não merecem tratamento prioritário. Lembremos que, segundo a ONU, cerca de 300.000 pessoas morrem de fome por dia³², das quais 8.000 são meninos e meninas³³; Além disso, todos os dias mais de 4.000 pessoas morrem de tuberculose no mundo³⁴, e mais de 1.000 outras morrem por dia de malária³⁵... só para citar alguns dados muito alarmantes, mas que

ocorrem em contextos onde o mundo “desenvolvido” não costuma colocar tanta atenção.

Covid19, como muitas das doenças pandêmicas (em alguns ou em todos os continentes), revela desequilíbrios, que os observatórios sociais vêm denunciando há muito tempo. Em primeiro lugar, (1) pode ser o momento de começar a avaliar nossa relação com o meio ambiente, incluindo os animais que comemos e como eles vivem antes de entrarem na cadeia alimentar humana; Deve-se lembrar que muitos desses animais ingeriram grandes quantidades de antivirais, antibióticos e até agrotóxicos, sem esquecer que muitos deles sofreram deslocamento devido às mudanças climáticas ou desmatamento, o que gerou desequilíbrios nos ecossistemas sem possibilidade de ajuste gradual. (2) Devemos estar cientes de que estamos em um mundo de afetação global em muitos aspectos, como a transmissão de doenças ou os desequilíbrios econômicos, sociais e ambientais que geram êxodos populacionais, o que levanta duas evidências: não temos legislação global para agir, e cada vez mais, o que acontece na minha vizinhança, me afeta (mesmo que eu more a 10.000 km de distância). Além disso, essa globalização quebrou estruturas ancestrais de sobrevivên-

(32) ONU. (2019). Mais de 100 milhões de pessoas podem morrer de fome. Notícias ONU

(33) ACNUR (2020) Quantas crianças morrem de fome por dia e o que você pode fazer para evitar isso? Eacnur

(34) Organización Mundial de la Salud (2018) Informe mundial sobre la tuberculosis 2018. Centro de imprensa.

(35) OMS (2019) El Informe mundial sobre el paludismo. 2019 em resumo

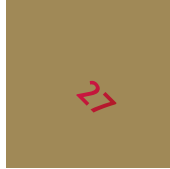
cia: a produção local está sendo fundamental nos tempos atuais, por exemplo, equipamentos médicos essenciais em uma crise de saúde, máscaras, batas ou géis de higiene são produtos terceirizados pela globalização, e agora em muitos países eles são escassos. Fenômeno semelhante ocorre com muitos produtos alimentícios, o que enfraquece os países que sofrem com essas deficiências e, conseqüentemente, as comunidades devido à sua realocação produtiva. (3) Há uma necessidade óbvia de levar em consideração e priorizar atividades essenciais que gradualmente perderam espaço, por exemplo, saúde ou pesquisa, mas também outras que geralmente não tiveram uma “categoria social” reconhecida, e que estão se revelando essenciais nas crises, trata-se de trabalhos relacionados à limpeza, cuidado, serviços agrícolas, comercialização de produtos alimentícios. Junto a isso, existem outros aspectos como educação, política, segurança e até mesmo cuidado com os idosos, que merecem ser repensados, já que seus parâmetros parecem não responder aos novos desafios de nossa sociedade. É necessário, em particular, enfatizar a questão dos idosos, devido ao grande número que está morrendo em “residências” nos países centrais. Tudo parece indicar que estamos diante de um novo desafio na convivência humana: como prolongar a expectativa de vida sem perder qualidade de vida, em todos os níveis, não só do ponto de vista econômico, mas em termos de relacionamento, sentido de vida, identidade

Enfim, é preciso levar em conta que o atual sistema produtivo deve ser visto considerando processos que tenham valor em si mesmos, como educação, saúde, cuidado... pois são fundamentais porque geram vida,

embora nem sempre gerem negócios ou dinheiro. O “ganha-ganha” que tentou conciliar o sistema liberal de geração de lucros produtivos, combinando-o com um estado de bem-estar (a famosa terceira via), pode não ser uma equação que resolva todos os serviços de que um território necessita. Portanto, uma revisão de nossos valores atuais como sociedade é urgentemente necessária.

Mas o confinamento em que nos encontramos devido à pandemia pode nos fazer germinar algumas virtudes que esquecemos como comunidade: a solidariedade, o sentimento de um mesmo corpo ou a capacidade de comunicação. Isso vem sendo reforçado por expressões altruístas e de dedicação, como é o caso de hospitais abastecidos com material médico graças a iniciativas pessoais criadas de raiz, ou o fornecimento às comunidades do entorno de alimentos para idosos por usuários anônimos, por exemplo apenas cite dois exemplos.

Essas circunstâncias nos convidam a pensar que, em tempos de isolamento, desenvolvem-se as capacidades de reaproximação, favorecidas por três circunstâncias: (1) a sensação de proximidade no isolamento; Parece que o silêncio interno (talvez por nossas deficiências) foi propício para ouvir as necessidades das outras pessoas, ou em outras palavras, conhecer minhas limitações me ajuda a reconhecer as dos outros; (2) a criatividade parece se desenvolver isoladamente, ou seja, a reflexão empática surge e é alimentada quando perdemos o contato direto, e a memória e a descoberta crescem; E por último e talvez o paradoxo mais definitivo, (3) parece que é o silêncio interno provo-



cado pela distância, que permite fluir uma emoção transformadora, que permite a comunicação, ou seja, não são as palavras que transportam a informação relevante, mas sim a emoção que geralmente acompanha o silêncio.

2. Desafios atuais para Fe y Alegría a partir do contexto global

Uma vez analisados o contexto, as potencialidades e os problemas, pensamos que a abordagem metodológica deve ir além da prática clássica de visualizar problemas para entrar em soluções; possivelmente, a contribuição de metodologias que enfocam os sonhos pode antecipar melhores realidades³⁶. No entanto, pode haver algumas circunstâncias anteriores, que possivelmente ajudam a visualizá-lo.

1. Construir uma unidade de trabalho na Fe y Alegría respeitando a diversidade, capaz de gerenciar a mudança com forte liderança coletiva e de serviço.
2. Poder trabalhar nas comunidades para a convivência na diversidade, com respeito, equidade e justiça, promovendo uma cultura de paz baseada na defesa e cumprimento dos Direitos Humanos e dos Direitos da Natureza.
3. Promover uma educação emancipatória e libertadora em todas as modalidades e níveis, a partir da escuta, do pensamento crítico e do diálogo intercultural.
4. Analisar as formas como o poder é exercido em todas as áreas e relações, trabalhando por um poder que não domina, que não se concentra, que se distribui, à maneira de Jesus, que sempre usou o poder para libertar, para salvar, para servir.
5. Insistir em uma formação pedagógica e política sólida e permanente, pautada na ética. É preciso formar-se para o exercício da política como busca do bem comum, o que exige grande vocação de serviço.
6. Responder desde a Educação Popular aos principais problemas globais de contextos locais de “glocalização”, como meio ambiente, paz, migração, questões de gênero, cidadania global ... Para isso, é fundamental uma articulação com os movimentos e organizações sociais que já trabalham por isso.
7. Trabalhar por uma educação que respeite as preocupações e interesses dos jovens, ouvindo, compartilhando a palavra e liderando o caminho.

(36) Cooperrider, D., & Whitney, D. (2001). Uma revolução positiva na mudança: Investigação Apreciativa. Administração pública e políticas públicas, 1-36.

Como a Educação Popular se especifica na proposta educacional de Fe y Alegría?

1. Modelo educacional com acesso a todos

Defesa da educação pública e oposição às tendências privatizantes e excludentes. A educação como direito e não como mercadoria. Nessas regiões e países, como muitos na África, onde muitos meninos e principalmente meninas não têm acesso à escola, garantir-lhes a educação deve ser uma das tarefas prioritárias de Fe y Alegría.

2. Modelo ético global e profundamente espiritual para uma cidadania planetária

- a) Vigorosa defesa da Casa Comum, hoje tão ameaçada de morte, para combater a deterioração ambiental, as políticas extrativistas, a miséria, e promover e cultivar os valores de austeridade, respeito, espiritualidade de cuidado com a vida, responsabilidade, cooperação, com vistas à construção de uma cidadania planetária: somos todos filhos da Mãe Terra e, conseqüentemente, irmãos

Para isso, é fundamental resgatar tanto a visão ecológica de alguns grupos indígenas, que consideram a Terra como a Mãe Comum de todos os seres vivos, que devemos cuidar e respeitar; como a dos místicos que insistem que fazemos parte de um Todo e, portanto, promovem a fraternidade universal e cósmica.

- b) A obra permanente pela paz como tesouro e bem necessário à convivência e sobrevivência da humanidade.
- c) Promoção da felicidade autêntica, alicerçada na liberdade, na equidade e na defesa da vida, para além das propostas consumistas e individualistas propostas pela cultura dominante

3. De qualidade

- a) Diante de concepções que reduzem a qualidade à mera eficiência ou à capacidade de responder com sucesso a uma série de testes padronizados, para a Fe y Alegría a educação é de qualidade se responder às realidades dos destinatários e contribuir para o desenvolvimento de sujeitos livres, com capacidades de influenciar a melhoria de suas vidas e a transformação de seu meio social.

A educação é de qualidade se despertar o gosto pelo aprendizado, pelo aperfeiçoamento, se valorizar e reconhecer o aprendizado pela experiência e estimular a criatividade, a liberdade e o amor.

Uma educação que forma pessoas e cidadãos autênticos, com capacidade de inserção ativa no mundo do trabalho e da produção, e com compromisso com o bem comum.

- b) Integral:** forma todas as pessoas e toda a pessoa (razão, coração e espírito; conhecimentos, sentimentos e valores), coordenando e integrando conhecimentos de diferentes contextos (formal, não formal e informal). Essa integralidade deve ser garantida ao longo de todo o contínuo educacional da Educação Inicial à Educação Universitária, preocupando-se em oferecer, paralelamente, alternativas para os jovens egressos do sistema educacional formal.
- c)** Com os melhores meios e recursos, garantindo sempre que os alunos dispõem dos meios essenciais que lhes permitem aprender com sentido para uma vida com sentido.
- d)** Optar por uma avaliação múltipla e diversificada, que inclua autoavaliação e coavaliação, e entendida não como meio de classificar e excluir, mas sim como meio de ajudar e dar a conhecer as conquistas e deficiências a partir dos contextos e da diversidade de capacidades pessoais. Trata-se de promover a inclusão educacional de todos, levando em consideração suas capacidades iniciais e adequando a escola a cada circunstância.

4. Com vocação humanizadora.

- a)** Ênfase na formação de valores pela interioridade e espiritualidade, entendendo-a a partir do trabalho com emoções, sentimentos e arte. Espiritualidade que ama e celebra a vida, a protege e trabalha para que todos possam desfrutar de uma vida abundante e digna. Espiritualidade feminina que combate as estruturas e culturas machistas e patriarcais, ainda tão difundidas em nossas sociedades e na própria Igreja.

- b)** Aposte na emancipação por meio da cultura da pessoa em comunidade. Isso significará, principalmente em países com imigrações massivas, trabalhar a interculturalidade em profundidade, superar o mero multiculturalismo que, na realidade, é uma imposição da cultura dominante, já que as culturas minoritárias são toleradas enquanto viverem segregadas e forem adaptar-se à cultura dominante; A interculturalidade requer respeito pela diversidade cultural, promove a inculturação e o trabalho com a língua materna (em todos os contextos) principalmente quando existe uma língua colonial dominante.

A interculturalidade genuína é um processo de mão dupla que nunca pode ser unilateral, uma vez que se baseia no encontro, na comunicação e no intercâmbio. A interculturalidade é um processo cultural, ético e político que reconhece na troca um fato positivo e enriquecedor para todos

- c)** Transformação do currículo para a sua adaptação ao meio e à pessoa, o que exigirá não apenas quebrar e adaptar as estruturas (horários, espaços, meios...) para que respondam às necessidades dos alunos, mas antes o desenvolvimento de um novo currículo intercultural que parte dos interesses dos alunos menos favorecidos. Isso significa, por exemplo, levantar questões econômicas a partir da situação de pessoas empobrecidas; questões de gênero na posição da mulher; questões raciais na perspectiva de grupos indígenas, negros ou minoritários; os problemas da vida urbana, a partir da experiência de pessoas com alguma diversidade funcional; as conquistas e colonizações das populações conquistadas e colonizadas
- d)** Trabalhar no centro educativo e na sala de aula, mas também com as famílias, que são as primeiras e principais educadoras e devem

assumir o seu protagonismo junto aos professores e às professoras e à comunidade, para acabar com essa imagem difundida de centro ilha educacional, de volta à vida e aos problemas do meio ambiente. Devemos nos empenhar para que os centros educacionais sejam um lugar de formação e organização comunitária, onde todos aprendem e aprendem com a contribuição de cada um.

- e) A articulação com a comunidade permitirá conhecer bem as suas potencialidades e os seus problemas, o que permitirá fazer um bom diagnóstico da realidade para visualizar os processos de mudança, e comprometer-se juntos na melhoria e solução dos problemas. Rosa Zúñiga, sócia do CEAAL (Conselho de Educação Popular da América Latina) nos alertou que para ser verdadeiramente emancipatória, “a educação formal tem o desafio de que os processos que se realizam sejam articulados à vida comunitária, ao cotidiano
- f) Segundo Alfredo Kitheso, diretor da Fe y Alegría da República Democrática do Congo, a dimensão comunitária parece ser a grande força da Fe y Alegría na África: “Em todos os projetos pedagógicos de Fe y Alegría, seja aqui (Chade), em Madagascar, no Quênia, na Guiné, o que prevalece é o lado comunitário e aqui dizemos que a escola é a comunidade, é uma questão comunitária. É importante que todos se envolvam. Acredito que Fe y Alegría pode se tornar, no futuro, no que diz respeito à educação, uma referência para os outros. Fe y Alegría luta contra as injustiças sociais e a perspectiva é bastante nacional. Por outro lado, Fe y Alegría não é um trabalho que se faz uma vez, um ano ou dois anos, é um trabalho que dura no tempo”.
- g) Está comprometida com uma organização coerente, com lideranças coletivas e de serviço, desconstruindo a verticalidade e o auto-

ritarismo e aprofundando a análise crítica e a participação de alunos e professores na tomada de decisões no centro educacional.

- h) O reconhecimento das desigualdades desde uma perspectiva feminista, ambientalista e igualitária, com um desejo de análise sincera e uma genuína vocação transformadora para a conquista de uma cidadania crítica.

5. Busca a aprendizagem ao longo da vida

Do berço ao túmulo, o que significa aprender a aprender, desaprender e reaprender permanentemente. Para isso, é necessário garantir a todos o domínio das ferramentas de aprendizagem: leitura pessoal e crítica em formato impresso e digital e também leitura da realidade; a escrita como meio de comunicação e de organização de ideias; pensamento lógico, matemático e científico; pesquisa, sistematização e trabalho em equipe; treinamento para o trabalho; abandonando de uma vez por todas aquela educação transmissiva que ensina a repetir em vez de criar e inventar. Hoje, memorizar conteúdo googleable não faz sentido.

6. Educação no e para o trabalho

Visualizamos a dinâmica do trabalho intimamente ligada à dinâmica social, ou seja, de alguma forma a sociedade poderá crescer no respeito e na equidade se garantir a qualidade do emprego, o que exige uma boa educação para o trabalho, sociedades conscientes e construtoras.

Estamos cientes, porém, de que essa visão pode ser ameaçada pela velha desvalorização do trabalho manual em relação ao intelectual, de certas culturas rentistas e das pedagogias reprodutivas tão introjetadas na educação tradicional onde se aprende a reproduzir em vez de produzir e onde você costuma estudar para não ter que trabalhar. Além disso, a tecnologia, embora gere espaços sociais de maior equidade, também gera desequilíbrios trabalhistas devido à eliminação de empregos, que cada vez mais se traduz em multidões que têm que recorrer ao trabalho informal, sempre precário, como meio de sobrevivência.

Os novos contextos atuais também estão gerando mudanças nas relações de trabalho; Por exemplo, a identidade sindical, que no passado facilitava melhorias na qualidade do trabalho, agora está se perdendo, o que gera falta de coesão no ambiente de trabalho e causa precariedade no trabalho de forma generalizada.

Por tudo isso, estamos comprometidos com uma educação que forma para o trabalho a partir de bases técnico-científicas sólidas, mas também sociais, não só na empregabilidade, mas também no empreendedorismo criativo e construtivo de diferentes sociedades através da participação e cooperação de diferentes organizações do território (governo, mundo produtivo, forças vivas do contexto), em busca de competências profissionais flexíveis e adaptadas aos contextos sociotecnológicos, sem minar a própria cultura e sem incorporar visões desenvolvimentistas ocidentais, uma vez que está comprometida com um compromisso social e ambiental.

Entendemos que também é importante escolher uma educação que promova o crescimento pessoal com metodologias educacionais baseadas no acompanhamento da pessoa, por meio de processos de produção teórico-prático-investigativos, onde a capacidade de aprender se desenvolve, podendo ser reconhecida, mesmo academicamente, experiência de trabalho como aprendizagem formal.

Nesse sentido, valorizamos também a possibilidade de assumir a formação profissional como forma de reinserção dos jovens no sistema educacional. Educar no e para o trabalho significa também assegurar que as crianças e os jovens que frequentam a escola não abandonem a escola sem terem adquirido as competências e os valores essenciais para uma vida digna. Em última análise, trata-se de banir a escola enciclopédica e mecânica, para promover fortemente uma escola que ensina a aprender e ensina a pensar, também no campo da educação para o trabalho e a vida.

Acreditamos que essa prática beneficia as comunidades, pois constatou-se que boa parte dos alunos que se formaram em centros de ensino, desde que tenham crescido formados nesses princípios, costumam participar do desenvolvimento de suas comunidades.

Entendemos que é importante, além disso, realizar um trabalho comunitário participativo a partir de núcleos educacionais, que visa o desenvolvimento local, seja a partir da coordenação da organização comunitária, seja como ator de desenvolvimento em rede, em articulação com o movimento produtivo, os órgãos governamentais e o contexto cultural em geral.

Esta adquire maior importância nas experiências de educação rural, profundamente ligada às práticas comunitárias, ao aperfeiçoamento das suas técnicas produtivas, ao mundo cultural e religioso, às tradições e valores do seu contexto. Os centros educativos devem promover o sentido da dignidade de cada pessoa, o direito a uma vida digna e a humanizar as suas condições e auto-estima; Isso exige a superação de preconceitos em relação à própria cultura, muitas vezes percebida, mesmo pelos nativos do meio rural, como “inferior” ou “mágica”, e que incentiva a migração interna e o abandono do campo.

7. Uma formação permanente de seus educadores

A formação teve como foco a reflexão de sua prática cotidiana por meio de estratégias que promovam a revisão, o questionamento e o enriquecimento da própria prática educativa. A partir da experiência vivida, ordena-se o conhecimento gerado na própria experiência, cuja reflexão permitiria transcender suas particularidades. Essa forma de formação, imersa nos processos de pesquisa das práticas, além de desenvolver capacidades de aprendizagem, produz novos saberes ao contrastar o que já conhecíamos com os novos saberes que surgem da reflexão.

Para isso, é pertinente introduzir nos processos formativos modalidades investigativas emblemáticas na Educação Popular como a Pesquisa-Ação Participativa (PAR), o resgate crítico da história ou a sistematização de experiências em que se enfatiza a intenção de compreender o sentido que foi enfatizado teve uma experiência tanto para os educadores quanto para o meio ambiente com o propósito de aprimorar e transformar a ação no futuro. Uma autor-reflexão, portanto, sempre orientada para a ação.



Do ambiente comunitário ao espaço público

Olhar o que circunda a ação educativa de Fe y Alegría desde a perspectiva da Educação Popular exige uma revisão de todo o quadro que se teceu em torno de seus projetos e ações educacionais. Desde os ambientes mais próximos, como as comunidades onde o movimento está vivo, aos mais remotos, como o seu trabalho a nível nacional e internacional.

1. Educação Popular se afirma na comunidade

Devemos partir de uma realidade que não podemos ignorar: o trabalho educativo em Fe Alegría se realiza em uma diversidade de contextos específicos e localizados (“o que fazemos no terreno é tão poderoso!”, Exclamou um diretor nacional de Fe y Alegría); É em uma cidade, em um bairro, em uma região ... Nestes espaços, os programas educacionais são sempre desenvolvidos com o objetivo de construir e / ou fortalecer um tecido afetivo e social em torno das pessoas que participam em oposição direta a qualquer posição individualista, discriminatória e competitiva. Daí a necessidade de reavivar o sentido de comunidade no movimento e de exercer uma gestão em que predomine a participação de todas as pessoas envolvidas numa relação horizontal e democrática, evidenciando os perigos do autoritarismo e do verticalismo; portanto, em um questionamento permanente de qualquer relação de poder hegemônica que gere favoritismo, discriminação ou subordinação.

Embora atualmente haja um surgimento muito forte de comunidades virtuais através da expansão das tecnologias de comunicação e das redes sociais, a ação educativa de Fe y Alegría continua enraizada localmente, entre pessoas que se conhecem há muito tempo, de tal forma que os projetos vão moldando as histórias particulares de cada comunidade que os viu nascer e os acompanhou nos primeiros passos. Como na maioria dos casos, as pessoas que contribuíram para sua fundação já morreram; Aos poucos as novas gerações vão ignorando o que fizeram para implantar o movimento em uma localidade. É tempo, em um movimento com mais de sessenta e cinco anos de existência, de realizar processos de resgate coletivo das primeiras histórias, de reconstruir a memória das intuições originais de homens e mulheres que fundaram o movimento, a fim de reacender a chama para que sua memória estimule e mobilize os recém-chegados diante dos novos problemas que enfrentam. São tempos de voltar às raízes que fundaram o movimento em cada país, de discernir as razões que possibilitaram o seu nascimento e a sua permanência ao longo dos anos em cada localidade, como forma de superar a inércia burocrática que se instala nas instituições já muito consolidado.

Nesse enraizamento em territórios bem definidos, a maioria dos problemas está mais ligada a questões de reprodução da vida (consumo, serviços, segurança, estradas, defesa do território, biodiversidade e até a necessidade de cultivar a espiritualidade). Cada vez mais, diante do crescimento das desigualdades sociais, do desemprego, da deterioração das condições ambientais e da vulnerabilidade da população, há lutas pela “sustentabilidade da vida”; ou seja, da reprodução material e simbólica da vida coletiva, que continua a ser o eixo central das práticas comunitárias na maioria das ações do movimento. E nessas lutas, as mulheres tendem a ser mais ativas, exercendo uma forte liderança devido à inclinação -para cuidar do próximo, da família, do



meio ambiente e do próprio centro educacional. Assim, é imprescindível fortalecer a perspectiva de gênero nessas práticas comunitárias que permite, por um lado, estar atento a qualquer forma de violência contra as mulheres que limite sua autonomia e liberdade, e, por outro lado, empoderá-las por meio do acompanhamento de experiências nas quais privilegia-se a interdependência, a ajuda mútua, a solidariedade na chave da autonomia pessoal e da reciprocidade, valorizando-se uma “ética do cuidado”. Da mesma forma, é hora de aprender e fortalecer experiências coletivas que promovam a produção de bens comuns (acesso à água, soberania alimentar, segurança e defesa da vida, território, meio ambiente, por exemplo); que possam levar a experiências de autogestão e também a exercícios de economia social e solidária, buscando outras formas de convivência nos moldes do “bem viver”. Além

disso, nestes tempos de incerteza, esforços deverão ser feitos para acompanhar as pessoas a seguir em frente, a desenvolver capacidades de resiliência, apesar das condições adversas em que vivem

Este desafio passa por estar presente na comunidade, sabendo ler criticamente o contexto, tanto do estrutural como do conjuntural, visualizando sempre as possibilidades de transformação das condições de injustiça, promovendo programas que liguem os centros educativos às comunidades envolventes. : programas de animação comunitária, formação profissional, alfabetização, formação não formal para a cidadania e desenvolvimento pessoal dirigidos a toda a população que integram a reflexão política com a aprendizagem de competências para a tomada de decisões, coordenação e resolução de conflitos. Nessa rota de expansão educacional para além dos muros dos centros educacionais, adquirem grande importância as alianças com movimentos sociais locais e globais que lutam por princípios e valores comuns.

2. Sustentabilidade institucional a serviço do movimento

Ao longo dos anos, através de um trabalho permanente no campo e em vários territórios, Fe y Alegria

construiu um complexo quadro institucional além do local, criando escritórios de apoio nacionais, regionais e internacionais. No entanto, é a nível local que está em causa a sustentabilidade do movimento, em primeiro lugar quando a comunidade, onde o movimento se enraizou, colabora permanentemente no crescimento dos programas e evita que o entusiasmo fracasse. Para isso, é necessário cultivar o sentimento de pertença à instituição, mas também fortalecer espaços de autonomia para que as pessoas envolvidas se sintam protagonistas de propostas educacionais que buscam melhorar e transformar suas próprias condições de vida; Isso significa que a sobrevivência dos programas educacionais é vista como um assunto de todos, o que permite neutralizar as frequentes demandas assistenciais dos setores populares.

Todo o andaime institucional, que deu origem a um conjunto de estruturas políticas e administrativas, deve ser percorrido pelos propósitos da Educação Popular Libertadora. Ali, também, essas intenções nos levam a promover a análise crítica de contextos e propostas, o diálogo de saberes, a participação democrática, bem como a implementação de mecanismos de sustentabilidade econômica e institucional de acordo com os princípios do movimento. Por exemplo, como chegar a acordos com empresas privadas que buscam cumprir sua responsabilidade social apoiando a instituição e mantendo uma postura de defesa dos valores do próprio movimento, promovendo relações econômicas mais justas? A opção ética e política pela transformação social torna-se assim o parâmetro de delimitação dos espaços de negociação no momento da busca de recursos para sustentar os projetos, o que nos obriga a tomar partido em alguns momentos e saber gerir manipulação por razões políticas ou econômicas.

É nesta fase que se vivenciam com maior intensidade os dilemas entre a instituição e o movimento, entre as exigências de carácter mais burocrático e o desejo de maior flexibilidade para responder às exigências imediatas do contexto. Nesse nível, porém, está em jogo a sustentabilidade

global do movimento, uma vez que essas instâncias são responsáveis por garantir a manutenção da identidade institucional em meio à diversidade de projetos e programas nas localidades. Além disso, são essas instâncias que devem promover que o local também integre a própria perspectiva global do movimento, sempre a partir de uma leitura crítica dos contextos com o intuito de transformar qualquer situação geradora de exclusão e injustiça. É a este nível que é necessário criar redes, tanto internas como entre países, de acordo com interesses comuns (por exemplo, perante os problemas de migração) para potenciar e responder a múltiplas demandas com propostas interligadas em forma de nós, coordenação, respeitando a tomada de decisão horizontal.

3. Influencie o espaço público com intenções políticas e éticas

Por outro lado, dada a sua presença massiva em espaços locais de diferentes continentes, aos poucos Fe y Alegría achou necessário abrir-se a tarefas de nível macro (a defesa de uma educação pública de qualidade, ou uma educação integral com ênfase nos valores ou no posicionamento da problemática juvenil) com o que também é pre-

ciso refletir sobre como o selo das intenções da Educação Popular está impresso neste trabalho de ação pública que tem significado fortalecer estratégias de comunicação e cultivar habilidades de negociação com autoridades estaduais, movimentos eclesiais e sociais.

O fato de que a maioria dos programas de Fe y Alegría são para a educação escolar, implica uma relação permanente e direta com os poderes políticos que organizam a educação oficial em cada país. Assim, as mobilizações em prol do direito à educação de qualidade para todos são relevantes e podem ser tanto a ocasião para exigir a corresponsabilidade do Estado na busca por uma sociedade mais justa e igualitária quanto para exigir maiores investimentos na educação, como se para expressar a necessidade de oferecer uma educação mais contextualizada que responda aos desafios que a sociedade coloca aos jovens de hoje. A abertura de diálogos permanentes com as autoridades estaduais nos permitiria trabalhar em conjunto em estratégias que evitem a sobreposição de recursos educacionais, buscando, antes, a complementaridade entre Estado e sociedade civil para o cumprimento de uma agenda educacional comum.

Ao mesmo tempo que é necessário garantir o enquadramento interno entre programas, centros, localidades, regiões, países e continentes que permita aprofundar o sentimento de pertença, será necessário pensar em como fortalecer o enquadramento externo, as relações com as organizações e movimentos sociais que apostaram por uma transformação da sociedade na chave da educação popular libertadora, tanto com agendas locais como globais, participando de espaços de encontro, debate e construção coletiva, respeitando a diversidade, mas com o desejo de aprender juntos e alcançar horizontes comuns.

A acumulação histórica do movimento na sua multiplicidade e heterogeneidade deve ser posta à disposição deste quadro externo e da sociedade em geral, o que implica um esforço de sistematizar e tornar visíveis, de forma pedagógica, as práticas que foram realizadas durante a vida do movimento para que sirvam de inspiração a outras organizações e também sejam motivo de reflexão e questionamento. Não esqueçamos que somos capazes de nos projetar no futuro porque temos um passado que nos sustenta; Ter consciência de que o tempo na educação é longo exige ir devagar, atrasar, integrar permanentemente o passado com um olhar para novos horizontes.



CONVITE PARA
CONTINUAR A
REFLEXÃO



“Uma coisa é verdade, e já o repeti muitas vezes: que Fe y Alegría deve ter sempre uma intenção política, porque a alta política é o estrato mais digno e mais belo a que um homem nobre inteligente pode aspirar. A aspiração humana mais transcendental é participar da conquista do bem comum a que a alta política serve. É verdade também que, enquanto o saber e o poder das classes hoje oprimidas não for superior ao saber e poder das classes hoje privilegiadas e opressoras, a balança não tombará na direção das grandes majorias. Fe y Alegría nasceu para preparar os cidadãos que, intervindo na melhoria da cidade terrena, chegam com estes méritos à Jerusalém imortal³⁷.”

Queríamos encerrar com estas palavras do Padre José María Vélaz que, embora escritas há mais de 40 anos, expressam o sentimento de um dos pilares fundamentais da Educação Popular, que é o político. Convidamos você a continuar a reflexão que iniciamos em junho de 2019, sempre tendo como horizonte a realização do bem comum a partir das esferas educacionais locais nas quais agora atuamos com uma perspectiva global; ao mesmo tempo que reforçamos a opção pelas grandes majorias vulneráveis, a favor da melhoria da nossa “cidade terrestre” mas com um olhar para a transcendência.

Refletir sobre a Educação Popular com uma diversidade de pessoas externas e internas ao movimento nos levou a retornar às primeiras percepções de seu fundador, ao caminho que o Movimento traçou ao longo de seus Congressos Internacionais para refinar e contextualizar sua forma de ensinar compreender e especificar o que significa ser um movimento de educação popular abrangente; mas também nos obrigou a situar nosso movimento na longa história da Educação Popular no continente latino-americano para fazê-lo dialogar com as propostas educacionais que surgem em outros continentes.

Além disso, este exercício de aprofundamento permitiu-nos verificar que os princípios que têm norteado a ação do Movimento neste contexto global em que prevalecem as desigualdades sociais e, consequentemente, a pobreza de milhões de pessoas continuam a vigorar mais do que nunca. Resta continuar com a exigente tarefa permanente de revisar e analisar nossas práticas educativas cotidianas à luz desses princípios, a fim de verificar como estão gerando mudanças em seu ambiente que contribuam para a construção de uma sociedade mais justa, democrática e igualitária.

(37) Padre José María Vélaz, Palavras de Fe y Alegría. Citações inspiradoras do Padre José María Vélaz. Federación Internacional de Fe y Alegría, Caracas, 2005.



FEDERACIÓN INTERNACIONAL
Fe y Alegría

Movimiento de Educación Popular Integral y Promoción Social

Implementação
Federativa

2018
2020